



Entre visada e apreensão: questões sobre corpo e discurso na obra de Jacques Fontanille*

Edison Gomes Junior (FFLCH/USP)*

Resumo: A obra teórica de Jacques Fontanille é marcada por temas que interessam ao campo da semiótica e ainda não foram totalmente resolvidos, tais como a questão do sensível, da percepção e do corpo no enunciado, que são objetos cada vez mais abordados pelos semioticistas da escola francesa. Focalizando a questão do discurso na semiótica, Fontanille procura estabelecer um diálogo entre o inteligível e o sensível, de modo a tentar compreender como a instância do discurso projeta um corpo através da enunciação e como essa projeção pode ser percebida no enunciado, de modo que a língua estabelece diversas formas de ancoragem da “carne falante”. O corpo sensível fornece ao seu corpo inteligível a percepção de equilíbrios e desequilíbrios, continuidades e descontinuidades, euforias e disforias, que partem de categorias tímicas de se amalgamar ao mundo, e se projetar nele, buscando uma solução entre a aparência e o aparecer dos fenômenos. As sensações, sempre fugidias, são armadas pela linguagem em diferentes sentidos. A instância do discurso, ao representar o real através da linguagem, cria efeitos que são resolvidos por sensibilidades e inteligibilidades, elos sensíveis e inteligíveis, visadas e apreensões de uma instância enunciativa corporal. Nesse artigo, pretende-se fazer um pequeno resumo sobre a relação entre corpo, enunciação e sentido, levando em conta algumas das discussões propostas por Jacques Fontanille, tais como propriocepção, tomada de posição, ponto de vista, campo posicional, actantes, práxis enunciativa e forma de vida.

Palavras-chave: Semiótica do discurso; Propriocepção; Corpo.

1. Introdução

Existem, na obra de Jacques Fontanille, algumas diferenças conceituais em relação à semiótica clássica, que determinam novas maneiras de se observar a construção do sentido: as ideias de corpo e discurso, ambas retiradas das considerações de Émile Benveniste, mas agora reformuladas. Isso quer dizer que enquanto para Greimas “não existe salvação fora do texto”, e o real, inclusive o corpo, é um processo textual, para Fontanille, o real é (re) produzido pela linguagem através do discurso, de modo que texto e discurso são entidades diferenciadas. Segundo Fontanille (2008, p. 16), “se o texto e seus constituintes não contraem relação de pertinência com a realidade, o mesmo não se dá com o discurso”, o que suscita a questão sobre a diferença dos processos significantes. O teórico se pergunta que significação específica se constrói ao longo do processo de reconfiguração da experiência, entre a experiência vivida, a experiência manifestada no e suscitada pelo discurso, explicando que esse tipo de semiótica tenta compreender e interpretar as emoções e aquilo que há de busca e construção do sentido na manifestação discursiva.

A partir da ideia de discurso, é possível criar uma semântica de suas instâncias, pois o ato discursivo é

“produtor de significância” (Fontanille, 2008, p. 17) e o sentido discursivo é ativado pela enunciação, que se apropria da língua e a “atualiza”, de maneira que se pode apreender o sentido apenas na atualidade que define o ato. Essa mudança de abordagem modifica levemente a questão da produção semiótica, pois prevê, antes do enunciado, uma enunciação que é uma semiose em ato¹: a semiótica do discurso transforma-se em uma semiótica “do particular, do atualizado e do individual” (Fontanille, 2008, p. 17) e a experiência sensível, encarnada em um corpo enunciante, instaura os dois planos da linguagem, a expressão e o conteúdo.

Veremos, neste artigo, que a instância do discurso projeta linguisticamente efeitos articulados por uma propriocepção, que instaura, através de uma tomada de posição, um ponto de vista que aciona um campo entre o centro de referência desse ponto e seus horizontes. Imersos nesse campo profundo, actantes serão posicionados e transformados pela enunciação, serão visados e apreendidos de maneira mais ou menos intensa pela instância sensível. A percepção dessa intensidade é acionada por categorias tímicas em relação ao referente, e essas disposições acionam enunciações eufóricas e disfóricas que culminam em um nível

* DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120534

* Doutorando do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Endereço de e-mail: edigomes2000@uol.com.br

¹ A enunciação, na perspectiva semiótica, não deve ser confundida com os domínios da comunicação, da subjetividade ou dos atos de linguagem. Fontanille a define como uma dupla predicação metadiscursiva que consiste de predicação existencial e autorreferencial (ver discussão no capítulo “A enunciação”: Fontanille, 2008, p. 255-271).

discursivo perceptivo (o *Dicionário de Semiótica* explica que a categoria tímica “articula o semantismo diretamente ligado à percepção que o homem tem de seu próprio corpo” (Greimas; Courtés, 2011, p. 505)). Desse modo, existindo dentro de uma prática atualizada e realizada pela foria e pela timia no seu nível mais profundo e abstrato, o sentido torna-se mais concreto: a enunciação transforma-se em enunciado. A partir de um encadeamento de traços que são motivados pela percepção e oscilam entre assimilações intensas e extensas, todo texto adquire uma forma de vida própria.

2. Propriocepção, ponto de vista e categorização

Dentro do paradigma fenomenológico (além de Benveniste, Fontanille se aproxima do filósofo Merleau-Ponty), a enunciação oscila entre a validação proposta pelo discurso e a invalidação de todos os fenômenos, naturais e culturais ao qual o ser é unificado. Na enunciação, percepção e linguagem estão sempre imbricadas, pois é a partir da dinâmica entre, não mais o ser e o parecer, mas a aparência e o aparecer do objeto, que se dá a intencionalidade, ou seja, a tentativa de esclarecimento dessa ambivalência. Do ponto de vista corporal, a percepção de um objeto no mundo requer um fluxo de atenção que indique uma direção, uma tensão e uma valorização; ao se valorizar um objeto, define-se o que deve ser retido dele em um domínio de pertinência.

A semiótica discursiva trata o corpo como operador da semiose, de maneira que a linguagem torna-se uma articulação bidimensional, ou seja, constituída a partir de um plano de expressão (o mundo exterior), e um plano de conteúdo (o mundo interior). A partir do corpo, define-se a fronteira do que será da ordem da expressão, de um lado, e da ordem do conteúdo, do outro: “o sensível e o inteligível estão irremediavelmente ligados no ato que reúne os dois planos de linguagem” (Fontanille, 2008, p. 30). É importante ressaltar que a fronteira entre interior e exterior não é preestabelecida, não é a fronteira de uma “consciência”, mas é a fronteira que a instância do discurso instaura cada vez que procura atribuir uma significação a um acontecimento, uma situação ou objeto, ou seja, é uma fronteira primeiramente sensível que reage à presença, e só então inteligível, ou linguística. A união dessas duas fronteiras é articulada pela propriocepção.

Da perspectiva da enunciação, o corpo pode ser um ponto de referência para a dêixis; mas da perspectiva das lógicas do sensível que esquematizam o discurso, ele é também um invólucro, sensível às demandas e aos contatos

vindos do exterior, por meio de sensações, e do interior, por meio de emoções e afetos; é igualmente carne sensível e motora, cuja flexibilidade e plasticidade permitem um ajustamento às morfologias do mundo natural: “o corpo-próprio é um operador semiótico complexo, cujas múltiplas facetas (ponto-referência, invólucro-memória, carne-movimento) têm funções bem distintas”².

A percepção de “algo”, antes que se reconheça esse “algo” como figura pertencente a uma das macrossemióticas que controlam o interior e o exterior, é a percepção de uma “presença”, uma percepção indicial, que é uma qualidade sensível por excelência. Ao perceber, a instância do discurso aciona as duas operações semióticas fundamentais geradas pelo corpo: uma “visada”³, que tem relação com o afeto, a intensidade ou a tensão com que o corpo se arremessa em direção ao objeto, e que pode ser mais ou menos intensa diante de uma presença; e uma “apreensão”, caracterizada por uma posição, uma extensão e uma quantidade de objetos assimilada, que abarca os limites e as propriedades do domínio de pertinência.

Uma estrutura tensiva situa, a partir de visadas e apreensões, a representação das estruturas elementares, que são oposições binárias, ou seja, oposições entre contraditórios e contrários conjugadas pelo quadrado semiótico, na perspectiva de uma semântica do contínuo. Mas enquanto o quadrado semiótico apresenta a categoria como um todo já acabado, e não mais sob o controle da enunciação viva, transformando a categoria em um esquema formal sem relação com a percepção e o sensível, Fontanille entende que uma estrutura tensiva articula um espaço das valências e um espaço categorial de valores, conjugando o sensível e o inteligível, de modo que, a partir de cada efeito de presença percebida, associa-se certo grau de intensidade e posição ou quantidade na extensão, conjugando “forças, de um lado, e quantidades, de outro” (Fontanille, 2008, p. 76).

Assim, ao se categorizar o não-próprio em relação ao próprio, é preciso ainda selecionar duas dimensões para que se possa articulá-la: uma proveniente da intensidade, e a outra da extensão. Essa articulação, denominada de correlação, será estabelecida a partir de certas qualidades e quantidades da presença sensível. Essa correlação pode ser representada como um conjunto dos pontos de um espaço submetido a dois eixos de controle: a intensidade caracteriza o domínio interno, interoceptivo, e a extensão caracteriza o domínio

² No livro *Corps et Sens* (2011), que é uma retomada de *Soma et Sema* (2004), ou seja, seis anos após a publicação de *Semiótica do Discurso*, o corpo próprio do ator (e do enunciadador) é desenvolvido mais detalhadamente.

³ O termo “visada” (que usaremos em todo o artigo) é sinônimo do termo “foco”, utilizado em *Tensão e Significação* (Fontanille; Zilberberg, 2001)

externo, exteroceptivo: a correlação entre os pontos resulta da tomada de posição de um corpo próprio: a propriocepção.

A visada e a apreensão convertem as dimensões graduais em eixos de profundidade orientados a partir de uma posição de observação e tornam-se graus de profundidade perceptiva. Os graus de intensidade e extensão, sob o controle das operações de visada e apreensão formam dois tipos de correlação: uma direta e uma inversa. No primeiro caso, quanto mais a visada é intensa, mais a apreensão é extensa, ou o contrário, quanto menos a visada é intensa, menos a apreensão é extensa; e no segundo caso, quanto mais a visada é intensa, menos a apreensão é extensa, e vice-versa (cf. Figura 1).

Os dois eixos do espaço externo definem as valências da categoria examinada, enquanto todos os pontos do espaço interno podem corresponder a valores da mesma categoria. A combinação entre, de um lado, a diferença entre duas correlações que determina duas grandes direções de variação; e de outro, a conjugação dos graus mais fortes e mais fracos sobre os dois eixos, que determina zonas extremas, permite depreender quatro zonas típicas da categoria que corresponderiam aos estilos de categorização.

Assim, a linguagem não opera apenas por traços pertinentes, os semas, mas também por pontos de vista, que são escolhas perceptivas que participam da orientação semântica do discurso e que são determinantes para sua significação global, mais precisamente sobre a maneira pela qual um conjunto de traços é organizado dentro de uma estratégia que determina a forma da categoria, de modo que a operação dos pontos de vista torna-se uma representação do próprio ato semiótico: a esquematização gerada pela propriocepção “estabiliza a diversidade sensível: uma instância toma posição, visa os resultados de tal ato, e depois, apodera-se de um domínio para articulá-lo” (Fontanille, 2008, p. 51). Esse ato é o princípio do discurso.

A partir de um ponto de vista, que une o perceptivo ao cognitivo, há diferentes estratégias possíveis de categorização entre intensidades e extensões perceptivas, a partir da qual se distinguem diferentes tipos de propriedades. Para cada uma dessas escolhas, a categoria pode proporcionar um sentimento de unidade forte ou fraco: os estilos de categorização definem os modos de presença do tipo de categoria. Do ponto de vista das isotopias textuais, Fontanille, em *Sémiotique et littérature*⁴, considera os termos coesão, coerência e congruência, conjuntos enunciativos que se apoiam em racionalidades diferentes advindas de maneiras sensíveis de identificar e administrar conjuntos e

sequências, partes e todos, de modo que o discurso literário pode ser abrangente, cumulativo, eletivo ou particularizante⁵ (cf. Tabela 1).

3. O discurso em ato: campos posicionais, esquemas de tensão e sintaxe discursiva.

Segundo Fontanille, o discurso é uma instância de análise na qual a produção, ou seja, a enunciação, não pode ser dissociada de seu produto, o enunciado, de maneira que ele não apenas utiliza as unidades de um sistema, mas inventa novas figuras, para esquematizar a experiência, contribuindo para “redirecionar e deformar o sistema que outros discursos haviam alimentado” (Fontanille, 2008, p. 86). Ao inventar novas formas, o discurso opera transformações que são similares às transformações narrativas encontradas nas mais variadas artes; assim, enquanto o discurso foi apreendido inicialmente como “comunicação”, o teórico percebe que as transformações narrativas “são apenas um dos casos das transformações discursivas” (Fontanille, 2008, p. 88), entendendo o discurso como uma produção que emerge de qualquer tipo de enunciado, estético ou não.

Esse ponto de vista neutraliza a diferença entre texto e contexto, pois visto como um “conjunto significante” reúne os mais diversos elementos e, dessa maneira, “combina em um mesmo processo, os vários modos semióticos: verbais, visuais, sonoros, olfativos, proxêmicos etc.” (Fontanille, 2008, p. 93), operando a partir de várias lógicas e tipos de coerência. Os modos semióticos e as lógicas estabelecidas no discurso são heterogeneidades que são passíveis de se resolver pelo processo de significação. O discurso torna-se uma organização plural e polifônica que homogeneiza o heterogêneo. A instância do discurso, que não deve ser confundida

⁵ Segundo Fontanille a *estratégia abrangente* permite pontos de vista onipresentes, tomando, em alguns casos, distância de seu objeto, mas servindo também para a generalização, tendo por princípio a compreensão de estados de coisas, e valorizando a coerência e a totalidade. Essa estratégia pode ser determinada por alguns verbos de percepção, tais como “considerar”, “contemplar”, “abarcado com o olhar”; a *estratégia cumulativa*, após analisar uma situação ou problema em sequências, examina-os, visando sua exaustividade e sua integralidade. O romance que multiplica os pontos de vista e os altera constantemente, combinando diversos personagens-observadores, é um exemplo dessa estratégia, que pode ser exemplificada com verbos tais como “explorar” e “sondar”; a *estratégia eletiva* busca o melhor exemplar possível, de modo que sua força dispensa uma procura exaustiva, pois o exemplar é o mais representativo, prendendo a atenção e o foco do discurso. O princípio que orienta essa estratégia é o da escolha, a partir da qual o conhecimento e a ação são acionados. Seu valor essencial é o da representatividade e o da exemplaridade; a maioria dos romances picarescos a exemplificam. Essa estratégia pode ser caracterizada por verbos como “determinar” e “examinar”; a *estratégia particularizante* se satisfaz com o pormenor que conseguiu apreender; uma vez que não valoriza grandes conjuntos, ela se satisfaz com partes isoladas. Pode ser caracterizada por verbos como “perceber” ou “escrutinar”; le *nouveau roman* (principalmente Robbe-Grillet) a caracteriza (Fontanille, 1999, p. 51-2).

⁴ Todas as traduções desse livro são do autor.

nem com um sujeito ou pessoa, designa o conjunto de operações, dos operadores e dos parâmetros que o controla, e o estabelece como um ato de enunciação que produz uma função semiótica. Quando essa função é estabelecida, a instância toma uma posição e deve proceder a uma separação entre o mundo exteroceptivo e o mundo interoceptivo. Uma vez que a primeira tomada de posição foi concluída, a referência passa a funcionar e articula a “breagem”, o segundo ato fundador da instância, que implica “debregens” e “embregens” a partir do corpo: a primeira realiza a passagem da posição original a outra posição, tem orientação disjuntiva e se separa do “vivido” indizível da presença; a segunda, que tenta fazer com que a instância volte à sua posição original, possui orientação conjuntiva. A primeira apresenta-se como desdobramento de uma extensão; a segunda como uma volta ao centro, ou seja, a uma intensidade⁶.

A discursivização da tomada de posição esquematiza parcialmente um campo posicional, que possui categorias e propriedades: as categoriais são a orientação predicativa, estabelecida a partir da posição da instância do discurso; o actante, o operador da tomada de posição; e a quantidade, ou seja, a combinação de várias posições e da medida das distâncias espaço-temporais entre essas diversas posições. As propriedades do campo posicional são o centro de referência, instituído pelo corpo sensível; os horizontes do campo, que delimitam o domínio da presença; a profundidade, que é a distancia sensível percebida entre o centro e os horizontes; e os graus de intensidade e de quantidade próprios a essa profundidade, que geram uma tensão atrelada às variações de intensidade e extensão perceptivas. A combinação entre visada e apreensão com a profundidade do campo permite definir os actantes posicionais, que serão considerados os próprios actantes da percepção, ou seja, a estrutura actancial que permitirá falar em atos perceptivos, em operações de percepções, e em produção de significação a partir da percepção, especialmente no interior dos próprios discursos.

Tanto no caso da visada, quanto no da apreensão, os actantes posicionais possuem três papéis diferentes: podem ser fontes, alvos ou controles. A fonte é representada pela eficiência e instaura um dispositivo de captação, de medida ou de fechamento; o alvo é representado pela

⁶ É importante observar que a noção de voltar a uma posição original é sempre enganosa. Tal retorno seria o retorno total ao corpo próprio, ou seja, à simples percepção indizível da presença. A embregem, ao articular *eu, aqui e agora* opera, na verdade, um simulacro do retorno. Se a percepção de uma presença pura acusa uma fonte corporificada que toma uma posição e estabelece um alvo dentro de um campo de profundidade, e a enunciação realiza a função de “apresentação” desse alvo, a breagem, como modo secundário, realiza a função de “representação” da apresentação, que pode ser de um mundo outro (debregem), ou de um mundo próprio (embregem).

intensidade da reação; o controle fornece um padrão, uma escala de avaliação que facilita ou dificulta a interação, de modo que ele administra a relação entre fontes e alvos. O actante de controle possui uma intencionalidade transformativa e, na dinâmica de invenção e realização de valores, acumula um papel posicional e um papel transformacional, pois agora sujeitos e objetos e destinadores e destinatários estruturam-se a partir do valor.

Os dois tipos de actante, posicional e transformacional, podem ser percebidos em todos os tipos de discurso, sejam eles puramente comunicativos ou estéticos, sejam eles verbais ou não-verbais⁷. A intertextualidade, por exemplo, pode ser entendida como mediação ou interação entre fontes e alvos. Se o texto fonte alimenta o conteúdo do texto alvo, da mesma forma, o último transforma, deforma e adapta o primeiro, de modo que o texto alvo oferece uma leitura do texto fonte, atualizando-o. A filiação entre texto fonte e texto alvo partilha categorias figurativas, propriedades semânticas, sistemas de valores e tipos enunciativos constantes (cf. Tabela 2).

Segundo Fontanille, a instância de enunciação não assegura a sua inteligibilidade, ela apenas o atualiza e garante a sua presença no mundo, acionando os atos necessários à sua realização. Do discurso em ato é preciso alcançar o discurso enunciado, no qual os valores formam um sistema e as figuras se estabilizam em ícones. Formado de enunciação e enunciado, o esquema discursivo é uma forma inteligível que mantém o elo com o universo do sensível e divide-se em dois tipos: o tensivo, que é elementar e regula a interação do sensível e do inteligível, assim como as tensões e relaxamentos que modulam essa interação; e o canônico, que é composto e conjuga e encadeia vários esquemas tensivos sob uma forma cristalizada e reconhecível de uma dada cultura: esquemas passionais e narrativos.

⁷ Fontanille (2008, p. 106) sugere que em uma situação de comunicação entre dois parceiros, o actante de controle pode ser visto como um destinatário adicional ou indireto, um terceiro observador que exerce influência no curso da troca. Na degustação de um vinho a força e a intensidade da fonte (o álcool, a vivacidade e a potência), orientadas na direção de uma estrutura estável de um alvo (as matérias, o açúcar e os taninos), podem ser submetidas à regulação de um controle, um mediador que modifica a orientação principal (as essências florais, os sabores frutados, a acidez...). As figuras e tropos da retórica, consideradas como acontecimentos e operações sob os olhos de um observador, são submetidas a essa estrutura actancial perceptiva: uma fonte (confrontação entre domínios, isotopias, figuras, argumentos, etc.) visa um alvo (resolução interpretativa, síntese) a partir de um controle (variações de deslocamento de força de assunção e crença, efeitos de composição e de configuração etc.). O teórico ainda observa (Fontanille, 2008, p. 164) que os pares sujeito / objeto e destinador / destinatário são homólogos ao par fonte / alvo, pois ambos visam e apreendem o outro. Ao mesmo tempo o par destinador / destinatário atua globalmente como actante de controle, pois define valores entre sujeito e objeto. O valor produz uma lógica das forças, ou seja, uma lógica transformacional.

Os quatro esquemas de tensão elementares, articulados entre visadas e apreensões, são os da decadência (a partir de uma intensidade, um choque emocional, dá-se um relaxamento produzido por uma reformulação em extensão: uma tomada de posição explosiva é explorada cognitivamente), da ascendência (o inverso, da extensão ao choque: narrativas de suspense), da amplificação (gradação geral que desemboca em tensão máxima: sensível e inteligível crescem conjuntamente, como em certas composições sinfônicas) e da atenuação (o declínio geral das tensões e dos desdobramentos até uma insipidez sem solução ou neutralidade).

A partir da semiótica do discurso, entende-se que esquemas de tensão se combinam para formar esquemas canônicos e passionais. Dentro dos esquemas narrativos canônicos, por exemplo, o esquema da prova corresponderia a dois esquemas de tensão: o ascendente, que conduz da confrontação à dominação, e o descendente, que conduz da dominação à apropriação / desapropriação. No esquema de busca, as junções obedeceriam ao esquema decadente ou ascendente, e a manipulação de valores aos esquemas de amplificação ou atenuação. Da mesma maneira, o esquema passional canônico seria composto de vários esquemas tensivos: partindo da intensidade, com o despertar, ele se desdobra em extensão (esquema decadente). A partir do pivô passional, que concentra a emoção, em um esquema ascendente; a moralização pode tanto desvalorizar a explosão da paixão, minimizando o seu alcance, em um esquema de atenuação, como incentivá-la e difundi-la na comunidade, em um esquema de amplificação (cf. Figura 2).

Os esquemas de tensão, combinados para formarem esquemas canônicos, fornecem o arcabouço geral da sintaxe do discurso. Mas além de ser gerenciada pelas propriedades do discurso em ato, da instância do discurso e do campo posicional, essa sintaxe obedece ainda a outras regras: a orientação discursiva (cujo princípio organizador é o ponto de vista); a homogeneidade simbólica (cujo princípio organizador é o semi-simbolismo); e a profundidade de campo (cujo princípio organizador é a retórica).

O ponto de vista constrói a significação discursiva a partir da visada e da apreensão, responsáveis por ligar fontes e alvos. Como o ponto de vista é o meio pelo qual se tenta otimizar a presença imperfeita, existe uma regulação entre apreensão e visada que converte um alvo em horizonte do campo do sujeito. Admitindo-se o caráter limitado e particular do ato perceptivo, reconhece-se como irredutível a tensão entre visada atual e a apreensão virtual, tensão da qual emerge a significação e o sentido. Os pontos de vista dão tratamentos diferentes à enunciação a partir de quatro estratégias que atuam sobre a visada intensa e a apreensão extensa (cf. Tabela 3).

O semi-simbolismo é uma codificação semiótica estritamente ligada ao exercício de uma enunciação particular, individual ou coletiva. É a conexão entre sistemas de valores particulares, frutos da práxis enunciativa, contribuindo para a coerência discursiva e construindo sistemas de valores do conjunto do discurso. Assim, ele estabiliza o sentido, tornando-o mais específico. De um lado ele dá uma forma reconhecível ao sentido, iconizando-o; de outro, ele o relaciona a uma enunciação particular.

A retórica é um campo no qual as isotopias estão dispostas em profundidades, em camadas sucessivas, das mais fortemente presentes no centro do discurso às mais fragilmente presentes em sua periferia. Essa gradação de presença está sob o controle da instância: cada camada é visada mais ou menos intensamente ou aprendida de forma mais ou menos próxima ou distante. O controle enunciativo é exercido entre duas direções: do lado da intensidade sensível e afetiva, o controle da assunção; e do lado da distância espaço temporal cognitiva, o controle do desdobramento. Os modos de existência dos conteúdos discursivos correspondem aos modos de presença dos esquemas narrativos canônicos e orientam as figuras de retórica⁸ (cf. Tabela 4).

4. A projeção de racionalidades no discurso vivo

A abordagem da semiose em ato permite examinar o momento em que a linguagem organiza o vivido e a experiência para fazê-los significar. Para tentar resolver a síntese do heterogêneo, regimes discursivos são adotados. A experiência organizada é a projeção de uma racionalidade: uma direção, uma ordem, uma forma intencional, ou uma estrutura. As grandes racionalidades utilizadas para organizar a experiência são a ação, a paixão e a cognição. A interação desses tipos constitui um conjunto complexo, mas coerente e controlado por uma mesma práxis, e o discurso pode manifestar percursos acabados, emoções e tensões afetivas, podendo tanto reproduzir programas estereotipados quanto inventar novos mundos. A ação, a paixão e a cognição são racionalidades que fazem parte do modelo narrativo.

A ação possui uma dimensão pragmática, pressupõe um ato, caracteriza-se pelo seu caráter acabado; seu sentido pode ser determinado

⁸ Ligado a fontes, alvos e controles, o sintagma retórico possui três fases: a confrontação, a dominação e a resolução; a primeira aciona duas grandezas, duas isotopias, dois domínios semânticos: essa confrontação supõe fontes e alvos; a segunda é o momento em que a instância do discurso se posiciona em relação a essas duas grandezas; a terceira é a consequência do conflito, a maneira como essas duas grandezas são manipuladas e atingem um sentido, ou são interpretadas. De maneira geral, formada pela enunciação e a figuratividade, a retórica combina graus de presença, modos de existência, estados de alma, intensidade e extensão (Fontanille, 2008, p. 144).

retrospectivamente. Sua racionalidade é a da programação, e a unidade de base de seu enunciado é o programa narrativo, que deve ser compreendido tecnicamente como programa de transformação. Na transformação, existe uma lógica das forças, ou seja, um programa e um contraprograma, pois a transformação de um enunciado em outro não existe sem uma resistência. O fato de que o sentido da ação seja reconhecível somente *a posteriori* não significa que ele não seja controlável pela ação, pois, do contrário, toda a ação apareceria como aleatória e ininteligível. O actante pode programar a ação de três maneiras: calculando ele mesmo às avessas o percurso a partir da situação que ele quer obter; utilizando esquemas estereotipados; ou implementando estratégias. Do primeiro caso ao terceiro, ele se distancia progressivamente da ação e mostra-se cada vez mais sensível ao acontecimento.

A paixão baseia-se nas modulações contínuas da intensidade semântica e na sua relação com a quantidade actancial ou quantidade da extensão espaço-temporal e sua análise leva em conta os componentes perceptivos, aspectuais, modalidades e ritmos. De acordo com sua intensidade e extensão, ela pode ser classificada em quatro estágios: a emoção, que é instantânea e intensa, a paixão, que é durável, e a inclinação e o sentimento, que são permanentes e mais extensos. Sua racionalidade tensiva está relacionada ao acontecimento e à presença: ao advir - a irrupção dos afetos e o ao devir - as tensões afetivas. A intensidade passional tem por correlato fenomenológico a proprioceptividade, mas “não se pode ignorar seu correlato psicológico: pulsões, libido, e todas as formas de energias psíquicas” (Fontanille, 2008, p. 207).

Além de se apontar a paixão como “estados de alma” já estabelecidos culturalmente, tais como a vingança, o orgulho, a inveja etc, opta-se, também, por entender a paixão como um conjunto de estruturas semânticas e sintáticas que produzem efeitos afetivos: os dispositivos modais, que para produzirem um efeito afetivo devem ser compostos de ao menos duas modalizações, tratadas como gradientes orientados e associados; os esquemas aspectuais e rítmicos, que imprimem no discurso uma escansão própria, um tipo de “estilo”, que pode ser de lentidão, repetição, aceleração etc; a perspectivação, que gerencia os actantes passionais e transformacionais dentro da ação, e igualmente estabelece fontes de visadas e alvos. A modalização, o aspecto e o ritmo, as expressões somáticas, a perspectivação e as cenas típicas relacionam-se: ao corpo próprio, que é o centro discursivo (expressões somáticas e cenas típicas); à orientação discursiva, que organiza fontes e alvos, o centro e os horizontes do campo (modalizações e cenas típicas); e ao ritmo das mudanças somáticas e graus de presença

(esquemas aspectuais e rítmicos). “O corpo que toma posição e a profundidade do campo de presença correspondem, respectivamente, aos códigos somáticos e aos códigos perspectivos da paixão” (Fontanille, 2008, p. 217). Uma vez que o sujeito passional possui um corpo, ele sente, vê, toca e compreende. A partir de um modo de presença atualizado ou realizado pela enunciação viva, o corpo perceptivo de um ator é ao mesmo tempo o local e a fonte de uma cena passional. A paixão pode ser considerada como o princípio de coerência (ou incoerência) do sujeito: ela dissocia ou mobiliza, ela rege as relações entre as partes constitutivas do si do sujeito. A paixão assegura a consistência de um sujeito em transformação, e cuja formulação como totalidade vai além da soma de suas identidades transitórias.

A cognição pode ser compreendida como uma racionalidade específica, como a manipulação do saber, considerado agora como um todo de significação inteligível. Sua lógica é epistêmica, da qual os modos de apreensão do mundo vivido são instituídos. Ela é um efeito da apreensão, e não da visada, pois é extensa. Para cada uma dessas apreensões corresponde uma racionalidade particular (inferencial, sensitiva etc). Para o regime da cognição, a mudança só é compreensível por comparação entre duas mudanças, entre duas situações. Assim, na perspectiva semiótica do discurso, o regime da cognição é o regime do cálculo das representações de dois actantes, cujas representações são objetos cognitivos: o informador, que fornece representações e simulacros de algum modo; e o observador, que faz operações de comparação com os dados do informador.

A apreensão funciona como ato elementar da síntese cognitiva e é responsável pela inteligibilidade (racionalidade), existindo em quatro modalidades: a molar, que estabelece relações de dependência unilateral entre as figuras ou conceitos e entre seus referentes; a semântica, que estabelece equivalências e solidariedades esquemáticas e categorias no interior do discurso, sendo capaz de gerar imagens por meio da metáfora; a impressiva, que relaciona percepções entre si e estabelece configurações rítmicas, tensivas e estésicas, controlando a apreensão semântica e pondo em dúvida as percepções convencionais; e a técnica, que avalia os objetos cognitivos por meio de explicações locais, isolantes e desmitificantes. Os quatro tipos de apreensão propõem valores cognitivos e correspondem a diferentes racionalidades: a molar corresponde a valores referenciais e informativos; a semântica a valores estéticos, simbólicos e míticos; a impressiva a valores sensíveis e hedônicos; e a técnica a valores técnicos e científicos. A valorização proporcionada pela apreensão sintetiza quatro tipos de racionalidade (cf. Figura 3).

5. Práxis enunciativa e forma de vida

A práxis enunciativa fornece material para a instância discursiva e está particularmente implicada no aparecimento e no desaparecimento dos enunciados e das formas semióticas no campo do discurso, ou no acontecimento que constitui o encontro entre o enunciado e instância que o assume. A perspectiva da práxis é interativa. Em termos topológicos, ela extrai formas de um espaço de esquematização para modificá-las e alimentá-las (Fontanille, 2008, p. 271).

Em termos temporais, ela ultrapassa a oposição entre sincronia e diacronia e existe sob uma pancronia. Em relação aos aspectos espaciais e temporais a práxis administra o modo de existência das grandezas e dos enunciados que compõem o discurso: “ela os apreende no estágio virtual (enquanto entidades pertencentes a um sistema), ela os atualiza (enquanto seres de linguagem e de discurso), ela os realiza (enquanto expressões), ela os potencializa (enquanto produtos do uso)” (Fontanille, 2008, p. 273). A práxis, manipulando os modos de existência, adquire uma dialética de criação e de sedimentação e, de outro, concorre para a formação retórica dos discursos.

Os modos virtualizado e potencializado correspondem ao estado latente das formas disponíveis, à linguagem em potência; os modos atualizado e realizado correspondem ao estado manifesto, à linguagem em ato, ao processo. Em cada um desses dois regimes, o aberto (a visada) e o fechado (a apreensão) entram em ação (cf. Tabela 5).

Uma vez que a práxis se define como tensivização de modos de existência, ela se inscreve no âmbito de uma dimensão tensiva (cf. Tabela 6).

No espaço tensivo, as modalizações existenciais articulam as modulações de presença e ausência e a travessia dos horizontes do campo. (cf. Figura 4)

O ato produtor do discurso apresenta-se como uma tensão entre o virtual (o que está fora do campo) e o realizado (o centro do campo), passando pela mediação do modo atualizado (a passagem da fronteira); ou o contrário: uma tensão que leva do modo realizado ao modo virtualizado, passando pelo modo potencializado. As operações da práxis podem ser consideradas a partir de dois pontos de vista: o do devir do objeto (uma grandeza semiótica qualquer), ou do ponto de vista do devir dos sujeitos (os parceiros da interação semiótica).

O devir do objeto é regulado pelos atos da práxis, considerados como operações que atuam sobre o seu modo de existência: o percurso que explora a tensão entre o modo virtualizado (V) e o modo realizado (R) é denominado ascendente; o percurso que explora a tensão entre o modo realizado (R) e o virtualizado (V) é denominado descendente. Dentro da ordem ascendente, há a emergência de uma forma (V→A) e o seu aparecimento (A→R). Dentro da ordem descendente, as formas são estocadas ou

esquecidas: é a condição de declínio (R→P) e desaparecimento (P→V). Na perspectiva retórica do discurso é preciso levar em conta a manipulação de, ao menos, duas grandezas ou enunciados. Assim, o aparecimento de uma forma correlacionada ao desaparecimento de outra constitui uma *revolução* semiótica; a emergência de uma forma correlacionada ao declínio é uma *distorção* semiótica; a emergência de uma forma combinada ao desaparecimento de outra é um *remanejamento* semiótico; o aparecimento de uma forma combinada ao declínio de outra é uma *flutuação* semiótica (Fontanille, 2008, p. 278-279).

Do ponto de vista do devir das instâncias, o cruzamento das duas dimensões elementares da presença, que são a intensidade da assunção (que une o sujeito e sua produção) e a extensão do reconhecimento (que concerne ao número dos actantes da enunciação e à difusão das formas significantes implicadas), possibilita várias posições em uma correlação direta, que define as duas operações sobre o valor de troca de uma forma semiótica: a amplificação (instaura uma forma no uso) e a atenuação (interrompe uma forma no uso); e em uma correlação inversa, que define duas operações sobre o valor de uso de uma forma semiótica: a somação (que impõe uma forma) e o desdobramento (que difunde uma forma até o seu desgaste) (cf. Tabela 8).

Na lógica do discurso vivo, o gênero e o estilo são conjuntos de categorias gerais e constantes operados pela práxis enunciativa, uma vez que ela participa da mudança cultural e contribui para formação de classes de textos e discursos, dentro de cada cultura considerada isoladamente. Assim, cada gênero literário é constituído por um tipo discursivo e um tipo textual, tratados em termos de coerência (que caracteriza o discurso), a coesão (que caracteriza o texto), e a congruência (que assegura a superposição dos outros dois termos).

Fontanille acredita que, de maneira geral, os tipos textuais pertencem ao plano da expressão e podem existir como longos e breves e abertos e fechados. Os primeiros pressupõem uma norma sócio-cultural relativa à duração da história ou do evento; os segundos concernem à relação entre a unidade de leitura e à unidade de edição. Esses dois critérios definem quatro propriedades principais de tipos textuais (cf. Tabela 9).

Os tipos discursivos pertencem ao plano do conteúdo, e como na coerência de um sistema linguístico, baseiam-se na existência de um sistema de valores, ou seja, um sistema de relações hierárquicas e diferenciais; no discurso, o valor de uma figura é também função do valor para os seus sujeitos. Eles são definidos por dois critérios principais: como enunciação, um conjunto de atos, de operações enunciativas; e como enunciação que decide valores e os manipula. Sua tipologia leva em conta, de um lado, as modalidades de enunciação –

o contrato de enunciação, os tipos de atos de linguagem necessários, as modalizações dominantes de um ponto de vista pragmático; e de outro, as axiologias e as formas de avaliação - os tipos de valores propostos, assim como as condições de sua atualização e seu reconhecimento no discurso.

As modalizações dominantes podem ser agrupadas em quatro pares e seguem o princípio das paixões e emoções. Cada par de modalidades permite definir um ato de linguagem típico. Os atos de linguagem dominantes determinam discursos incitativos, persuasivos, de habilitação e realização. Em cada tipo, a modalidade dominante define subtipos. Tratando-se dos valores, distinguem-se tradicionalmente quatro grandes categorias temáticas: o Bom (valores hedônicos), o Bem (valores éticos), o Belo (valores estéticos), e o Verdadeiro (valores de veracidade) (cf. Tabela 10).

Levando-se em consideração a intensidade da adesão (ou reações que a encenação dos valores suscita) e a extensão, ou o número de suas manifestações concretas no discurso, mesmo a extensão do corpo social ao qual dizem respeito, pode-se ainda conseguir uma segunda tipologia de tipos discursivos (cf. Tabela 11).

O estilo gera uma forma única de vida e está relacionado com o corpo da instância discursiva, sendo um ajuste sensível e inteligível. Em relação à práxis, ele tem a característica de um estado difuso, em oposição à enunciação no sentido linguístico habitual, que possui a característica de um ato. Assim, o estilo será um modo de presença da enunciação, um modo de ser, instalado por visadas e apreensões mais ou menos extensas. Em relação ao texto, o cruzamento de diferenças de intensidade e extensão na percepção da identidade estilística e as diferenças de distribuição de efeitos no espaço textual, que podem ser concentrados ou difusos, resultam em uma tipologia de julgamentos de identidade textual e produzem a individualidade, a singularidade e o temperamento e a originalidade.

A construção da identidade discursiva, que oscila entre sedimentação e inovação de valores, e entre as modalizações que sustentam o ato de enunciação, possui estreita relação com a dinâmica idem da repetição e ipse da mudança: o sujeito da enunciação combina, a todo momento, um papel, que pode ser confirmado ou validado, e uma atitude, que só pode ser visada e inventada. Entre o saber-fazer (os papéis) e o querer-fazer (as atitudes), Fontanille sugere outra tipologia que discrimina a tendência, a audácia, a constância e a perseverança (cf. Figura 5).

A operação da práxis enunciativa, que ao realizar o discurso constrói uma enunciação homogênea e heterogênea, revela formas de vida que existem em todos os âmbitos do discurso, percorrendo-o, tornando-o uma massa coerente e congruente: “o

‘sentido da vida’ é, antes de mais nada, efeito de coerência de um percurso em que se revela a *posteriori* um projeto axiológico” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 214). A cultura, para existir, cria dispositivos canônicos reconhecíveis por meio de esquematizações básicas que são transpostas ao esquema narrativo, que adota uma coerência “como manifestação esquematizada (logo, sensível), a mostrar uma imagem do sentido” (Fontanille, 2008, p. 214).

Enquanto a coerência é sintagmática e assegura a identidade do discurso, a congruência diz respeito à concatenação das seleções operadas em cada nível: “uma forma de vida pode ser caracterizada por um tipo de equilíbrio ou desequilíbrio interno à função semiótica, por um tipo de mediação proprioceptiva, por papéis modais, actanciais e passionais, por regimes de objeto...” (Fontanille, 2008, p. 214). De certa forma, pode-se entender que a forma de vida assegura o controle da aleatoriedade entre referente e referência, por causa do aspecto intencional da instância de enunciação. A seleção de certo regime, operada num nível qualquer, acarreta uma cadeia de seleções congruentes nos demais níveis. O conjunto aparecerá depois como coerente, contanto que uma forma de vida identificável assuma a intencionalidade dessa comutação em cadeia. Desse ponto de vista, a congruência das seleções e a coerência global da deformação assim operada tornam-se manifestação de um projeto de vida subjacente.

Na operação de comutação em cadeia, formas do campo de presença são modificadas, uma vez que são construídas contínua e ininterruptamente pela propriocepção. Além de influenciar a formação de campos de presença do sujeito a partir de um centro dêitico, formas de vida mobilizam horizontes: identificam os limites do campo de presença com horizontes de aparecimento e desaparecimento das figuras percebidas, e a extensão do campo, ou seja, sua profundidade, medida pela distância entre o horizonte e o centro dêitico.

As flutuações do campo de presença dizem respeito: à alternância entre visada, que abre o campo, e a apreensão, que o fecha; à alternância entre a ativação do sujeito (é ele que focaliza ou apreende) e sua passivação (ele é focalizado ou apreendido por seu meio). As intersecções entre essas alternâncias caracterizam tipos estésicos que servirão de plano de expressão para determinadas formas de vida reconhecíveis (cf. Tabela 12).

As formas de vida estão também em conexão imediata com efeitos de sentido passionais e comportam papéis e arranjos modais estereotipados, além de axiologias, formas aspectuais e tensivas. Dentro da dinâmica entre visada e apreensão, paixões tornam-se valências e variam entre intensidade e extensidade. Essas variações, que

podem ser conversas ou inversas, e ocorrem tanto na visada quanto na apreensão, engendram formas tônicas e átonas. Quando a apreensão e a visada evoluem de maneira conversa, a zona átona comum corresponde ao tédio. Quando a apreensão e a visada evoluem de maneira inversa, se o foco forônico, há a espera; caso prevaleça a apreensão, há a nostalgia (cf. Figura 6).

Do ponto de vista do processo, o sistema de paixões é abordado como modelo das modalizações existenciais, que articula presenças e ausências. Enquanto a felicidade é plena e realizante, o tédio é vazio e virtual; enquanto a espera é uma falta atualizante, a nostalgia é inane e potencial. Dessa forma, obtém-se uma dinâmica dos estados de alma que subtendem as formas de vida (cf. Figura 7).

Tempo e espaço também possuem bases perceptivas fundadas em formas de vida. O distante parece depender da abertura, dado que todas as formas de vida tidas por extensivas comportam o traço /aberto/; na exata medida em que as formas de vida são consideradas retensivas resultam no traço /fechado/. O tempo apresenta como principal polaridade a tensão entre o vivo e o lento, que justifica a aceleração e a desaceleração; a temporalidade está submetida à tensão entre o efêmero e o durável, produzindo a perenização e a evanescência (cf. Tabela 13). As operações identificadas acerca de cada uma das três categorias são homologáveis (cf. Tabela 14).

A forma de vida, ligada à retórica, ao gênero e ao estilo, pode também ser reconhecida pela presença de uma expressão saliente, detectável principalmente como ruptura por relação à norma ou uso mais frequente; por um conjunto de comutações em cadeia que promovem a repercussão e conservação de uma seleção significativa em todas as configurações heterogêneas atravessadas; como uma concatenação, a partir das triagens e misturas, das seleções operadas nos diferentes níveis do percurso gerativo. Assim, de suas estruturas mais abstratas às suas estruturas mais concretas, o discurso possui uma forma que contém um conjunto de bases significativas, e assim transforma-se em estrutura viva.

Em chave semiótica, porém, as formas de vida não fazem parte apenas de textos literários. Se levarmos em conta que culturas e ideologias são textos que podem ser examinados, lidos, têm matéria, forma e são praticados por sujeitos, as formas de vida transformam-se em “organizações semióticas (‘linguagens’) características das identidades culturais, individuais e coletivas, e, como tais, podem ser aproximadas de outros planos semióticos de análise das culturas, como, por exemplo, os objetos, os textos e as práticas” (Fontanille, 2014, p. 56).

Na enunciação viva, que se constrói a partir da dinâmica entre visada real e apreensão virtual, as formas de vida estão continuamente ameaçadas por

aquilo que as desintegra e lhes rouba a força de coesão, coerência e congruência: um acontecimento inesperado e incapaz de ser automaticamente apreendido. A figura do acontecimento, que pode quebrar isotopias em todos os níveis do texto, e afeta tanto a sua expressão quanto o seu conteúdo, é também uma constante no discurso. Assim, o acontecimento possui várias formas que são estéticas, estéticas e éticas e requer um ajuste que estabelece novas dinâmicas proprioceptivas entre o sensível e o inteligível.

6. Conclusão

A partir do estabelecimento de uma semiótica discursiva, é possível compreender a relação profunda entre o sensível e o inteligível, que existem integrados na enunciação, e que elaboram processos de sentidos que emergem da timia e da foria, níveis profundos da significação perceptiva. O sentido, agora, depende também de um enunciador corporificado, posicionado entre o aparecer retido por uma visada, e uma aparência explicada pela apreensão através da linguagem. Essa dinâmica pode ser mais ou menos forte, e depende de como o objeto é percebido em relação a outros. A instância da enunciação projeta continuamente pontos de vista, e constrói, dentro de um campo posicional formado por centros e horizontes sempre atualizados, actantes que desempenham funções de alvo, fonte e controle, e estão relacionados a posições e transformações dentro de esquemas estéticos e sintaxes sensoriais. São seres de linguagem também ancorados em referentes percebidos. Formulada por tensões perceptivas e racionalidades, a enunciação viva torna-se uma prática em constante transformação.

O discurso, realizado dentro de uma práxis enunciativa, atualiza, realiza, potencializa e virtualiza as enunciações, sendo utilizado pela instância para se colocar no mundo por meio de diversas racionalidades que controla, de modo que todo texto possui, ao estabelecer coesões, congruências e coerências, uma vida própria e única. A práxis enunciativa cresce com a cultura, que é um conjunto de acontecimentos semióticos, mas também a alimenta, de modo que o enunciar sensível e inteligível afeta materialmente e continuamente o que denominamos de “real”.

Entre visadas e apreensões a instância do discurso representa o mundo, mas também se ancora nele, propondo presenças materiais simbólicas que emergem do corpo (ponto zero do sentido). A dinâmica entre corpo sensível e linguagem elabora sentidos resultantes tanto da relação entre o próprio e o não próprio, que gera uma tomada de posição produtora de um campo profundo, como inteligíveis, resultantes da relação e organização de estruturas linguísticas que tornam

esse campo inteligível. Essa dinâmica elabora todos os tipos de discursos. ●

Referências bibliográficas

Fontanille, Jacques

1999. *Sémiotique et littérature*. Paris: PUF.

Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude

2001. *Tensão e Significação*. Tradução: Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas.

Fontanille, Jacques

2008. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto.

Fontanille, Jacques

2014 . Quando a vida ganha forma. In: Nascimento, E.M.F.D.S; Abriata, V.L.R. (orgs.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, p. 55- 86.

Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph

2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.

Dados para indexação em língua estrangeira

Gomes Junior, Edison.

Between focus and apprehension: issues about body and discourse
in the work of Jacques Fontanille.

Estudos Semióticos, vol. 12, n. 1 (2016)

issn 1980-4016

Abstract: *The theoretical work of Jacques Fontanille is marked by themes of interest to the field of semiotics, which have not yet been fully resolved, such as sensitivity, perception and the body in the discourse. Focusing on the issue of discourse in semiotics, Fontanille seeks to establish a dialogue between the intelligible and the sensible, trying to understand how the instance of discourse projects a body through the enunciation and how this projection can be felt, so that the language sets various forms of anchoring of the “talking flesh”. The sensitive body of the instance of discourse provides the perception of balances and imbalances, continuities and discontinuities, euphoria and dysphoria to its intelligible body, which are tensions that arise from thymic categories in the attempt to amalgamate and project itself in its environment, seeking a solution between the appearance and the appearing of the phenomena. The sensations, always fleeting, are continuously armed by language in different meanings. The instance of discourse, representing the real through language, creates effects that are resolved by sensitivities and intelligibilities, sensitive and intelligible chains caused by focuses and apprehensions of a corporeal talking instance. In this article, we intend to make a short summary of the relationship between body, enunciation and meaning, taking into account some of the theories proposed by Jacques Fontanille, such as proprioception, position taking, point of view, positional field, actants, enunciation praxis and life form.*

Keywords: *Semiotics of discourse; Proprioception; Body.*

Como citar este artigo

Gomes Junior, Edison. Entre visada e apreensão: questões sobre corpo e discurso
na obra de Jacques Fontanille.

Estudos Semióticos [on-line]. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/esse>).

Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva.

Volume 12, Número 1, São Paulo, Julho de 2016, p. 27-36

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120534.

Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 10/01/2016

Data de aprovação: 25/05/2016

Anexos

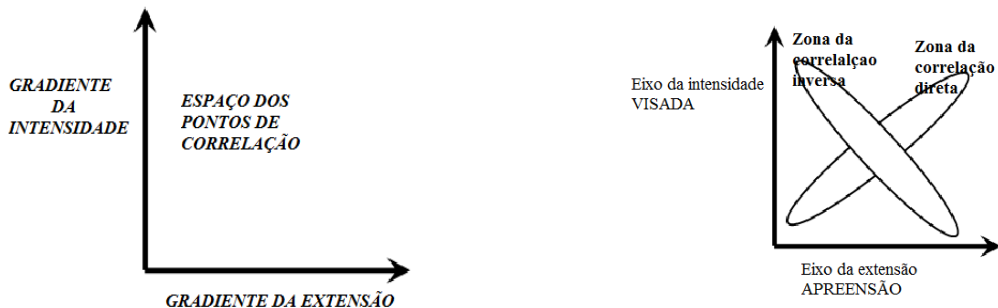


Figura 1: Pontos de correlação entre o intenso e o extenso; e correlações diretas e inversas entre visada e apreensão (Fontanille, 2008, p. 77-9).

		INTENSIDADE	
		<i>Concentrada</i>	<i>Difusa</i>
EXTENSÃO	<i>Forte</i>	Estratégia Abrangente	Estratégia Cumulativa
	<i>Fraca</i>	Estratégia Eletiva	Estratégia Particularizante

Tabela 1

ACTANTES DO DISCURSO	
<p>POSICIONAIS (fonte / alvo / controle)</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Definidos por visada (intensiva e afetiva) e apreensão (extensiva e cognitiva). ● Baseados na percepção (anteriores à significação e ao valor). Não devem ser confundidos com emissores ou receptores. ● Intencionalidade que os caracteriza é de orientação de natureza topológica (lógica dos lugares). ● Estão sob o controle da orientação do discurso (entidades sintáticas abstratas). ● Determinados por modalidades de presença e modos de existência. ● Actantes de controle podem ser de regulação, filtro ou obstáculo. Administram a relação entre fontes e alvos e podem suscitar o surgimento de novos horizontes (intensidade e extensão na profundidade do campo). 	<p>TRANSFORMACIONAIS (objetos de valor)</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Actantes do percurso (projetam e realizam os valores inventados pelos actantes posicionais). ● Intencionalidade que os caracteriza é a de um sistema de valores. ● Dependem da estrutura semântica dos predicados de que eles participam. ● Determinados por modalidades dos predicados de ação e de estado (fazer e ser). ● Duas dimensões discursivas: atualização de valores e troca de objetos de valor são percebidas por dois pontos de vista (figuras: a percepção de valor desemboca na dimensão estética dos discursos; troca e circulação de objetos em uma comunidade: a percepção de valor é ética e econômica).

Tabela 2: Os dois tipos de actantes do discurso.

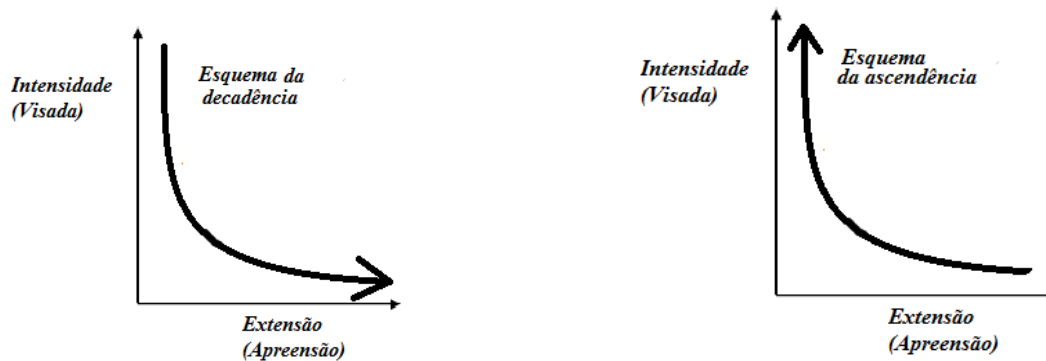


Figura 2: Os esquemas tensivos (Fontanille, 2008, p.111-12).

	<i>Visada intensa</i>	<i>Visada enfraquecida</i>
<i>Apreensão extensa</i>	Estratégia englobante	Estratégia acumulativa
<i>Apreensão restrita</i>	Estratégia eletiva	Estratégia particularizante

Tabela 3: Diferentes tipos de tratamento do ponto de vista em relação à imperfeição (Fontanille, 2008, p. 136).

	<i>Visada intensa</i>	<i>Visada enfraquecida</i>
<i>Apreensão extensa</i>	Plenitude MODO REALIZADO	Inanidade MODO POTENCIALIZADO
<i>Apreensão restrita</i>	Deficiência MODO ATUALIZADO	Vacuidade MODO VIRTUALIZADO

Tabela 4: Modos de existência dos conteúdos discursivos (Fontanille, 2008, p. 141).

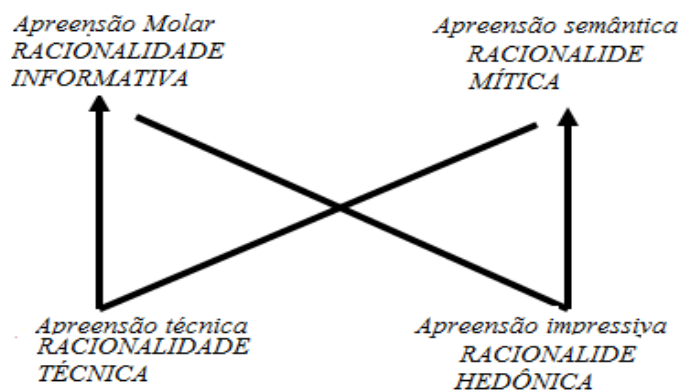


Figura 3: Tipos de apreensão e racionalidades cognitivas correspondentes

	<i>Sistema (em potência)</i>	<i>Processo (em ato)</i>
<i>Visada</i>	virtualizado	atualizado
<i>Apreensão</i>	potencializado	realizado

Tabela 5: Modalidades da práxis em relação à visada e apreensão (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 176).

	<i>Práxis tônica</i>	<i>Práxis átona</i>
<i>Estatuto do conteúdo latente</i>	potencializado	virtualizado
<i>Estatuto do conteúdo manifesto</i>	atualizado	realizado

Tabela 6: Dimensão tensiva da práxis (Fontanille, Zilberberg, 2001, p.178).

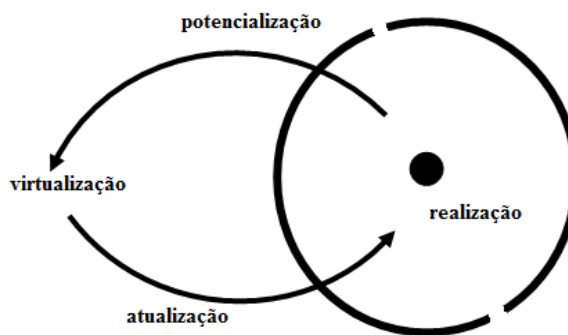


Figura 4: As operações da práxis enunciativa (Fontanille, 2001, p. 185)

<i>Decadência ↓ Ascendência →</i>	<i>Emergência</i>	<i>Aparecimento</i>
<i>Declínio</i>	Distorção	Flutuação
<i>Desaparecimento</i>	Remanejamento	Revolução

Tabela 7: Transformações tensivas da práxis do ponto de vista do dever do objeto (Fontanille, 2008, p. 279).

	<i>Assunção forte</i>	<i>Assunção fraca</i>
<i>Reconhecimento extenso</i>	Amplificação	Desdobramento
<i>Reconhecimento restrito</i>	Somação	Atenuação

Tabela 8: Tipologia das operações da práxis do ponto de vista do dever das instâncias do discurso (Fontanille, 2008, p. 282).

	<i>Longo</i>	<i>Breve</i>
<i>Aberto</i> <i>Fechado</i>	Recursividade Desenvolvimento	Fragmentação Concentração

Tabela 9: Propriedades principais de tipos textuais⁹ (Fontanille, 1999, p. 163).

	<i>Crenças</i>	<i>Motivações</i>	<i>Atitudes</i>	<i>Performances</i>
<i>2 actantes</i>	Assumir	Querer	Saber	Ser
<i>3 actantes</i>	Aderir	Dever	Poder	Fazer

<i>Assumir e Aderir</i>	<i>Querer e Dever</i>	<i>Saber e Poder</i>	<i>Ser e Fazer</i>
Persuadir	Incitar	Capacitar	Realizar

Tabela 10: Modalidades de enunciação e tipos de discurso (Fontanille, 1999, p. 165).

	<i>Intensidade de adesão</i>		
	<i>Forte</i>	<i>Fraca</i>	
<i>Extensão e quantidade</i>	<i>Restrita:</i>	Valores exclusivos	Valores discretos
	<i>Importante:</i>	Valores participativos	Valores difusos

Tabela 11: Tipos discursivos e valores¹⁰ (Fontanille, 1999, p. 166).

⁹ As propriedades são:

- Recursividade: estruturas textuais repetidas e interligadas: sagas, poemas épicos, etc.
- Fragmentação: visão limitada e lacunar de seu referente, história, cena ou pensamento e que suscita a impressão de incompletude: o folhetim, as memórias, o gênero epistolar etc.
- Desenvolvimento: exploram todas as possibilidades de expansão textual, mas sob o esquema globalmente respeitado, conformando-se a uma organização canônica da investigação, da busca ou do drama: o romance policial, o conto folclórico, a peça de teatro, a ficção científica etc.
- Concentração: em um espaço textual exíguo, fornecem o essencial de sua proposta: o conto, o soneto, as máximas etc.

¹⁰ Os *valores exclusivos* tendem em direção a valores absolutos, onde ao fim de uma série de triagens, eles são purificados, manifestando-se como censores de atitudes, purificadores de morais: discursos moralistas, militantes, romances de tese etc.; os *valores discretos* são versões mais fracas dos valores exclusivos, pois se aproximam de valores nulos, pouco propagados e assumidos fracamente. Os tipos de discursos que os utilizam visam à desvalorização ou ao enfraquecimento de valores aceitos: gêneros humorísticos e cínicos, teatro do absurdo, etc.; os *valores participativos* conjugam todos os outros valores até um nível de saturação e suportam a forte extensão de seu campo de aplicação, reforçando-o. Tal saturação, típica do otimismo, impõe um peso axiológico igual à maioria de temáticas e figuras exploradas: o romance sentimental e mesmo o discurso romântico são exemplos desse tipo; os *valores difusos* são tão onipresentes quanto os valores participativos, sendo a sua versão mais razoável e realista: esse tipo de discurso é mais casual e vago e sem personalidade, assegurando uma distribuição importante, mas sem distinção: gêneros realistas, mas assumidos de apenas um ponto de vista (Fontanille, 1999, p. 166-7).

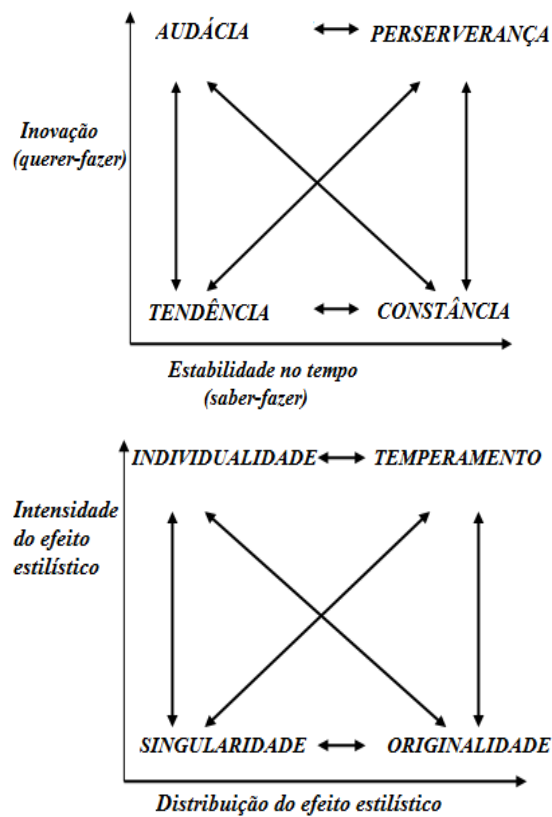


Figura 5: Julgamentos de identidade e Estilos e valores (Fontanille, 1999, p. 196-9).

	ATIVACÃO	PASSIVAÇÃO
Visada	Sujeito focalizante (a busca)	Sujeito focalizado (a fuga)
Apreensão	Sujeito apreendedor (a dominação)	Sujeito apreendido (a alienação)

Tabela 12: Tipos de formas de vida (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 216).

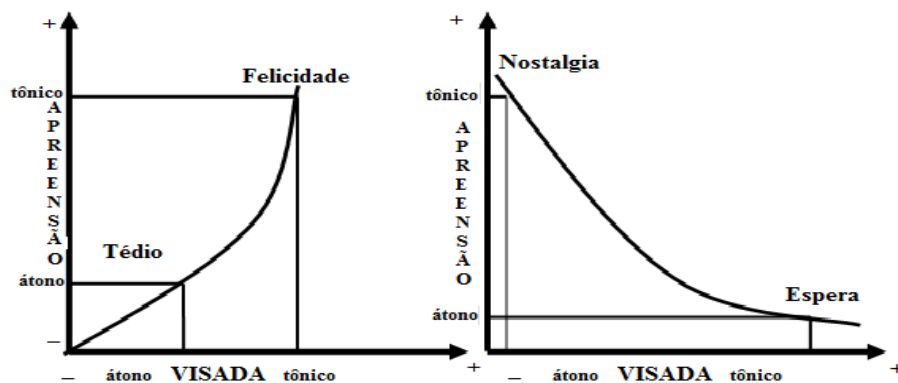


Figura 6: As paixões elementares (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 220).

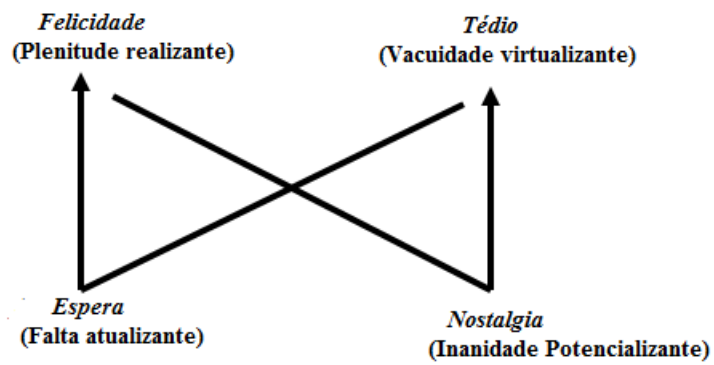


Figura 7: Modos de existência da paixão (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 220).

	<i>Tônico</i>	<i>Átono</i>
<i>Espacialidade</i>	próximo	distante
<i>Temporalidade</i>	efêmero	durável
<i>Tempo</i>	vivo	lento

Tabela 13

	<i>Tônico → Átono</i>	<i>Átono → Tônico</i>
<i>Espacialidade</i>	abertura	fechamento
<i>Temporalidade</i>	perenização	evanescência
<i>Tempo</i>	desaceleração	aceleração

Tabela 14: Formas de vida da espacialidade, temporalidade e tempo (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 222).